

ISSNe (electronic version): 2182.2883

ISSNp (print version): 0874.0283

SUPLEMENTO AO Nº 15 SÉRIE IV

**ATAS DO
III SIMPÓSIO INTERNACIONAL
DA ANHE E I SIMPÓSIO DE HISTÓRIA
DE ENFERMAGEM DA ESENFEC**

**COMUNICAÇÕES ORAIS
PÓSTERES
TEXTOS COMPLETOS
CONFERÊNCIAS
PAINÉIS**

REVISTA DE ENFERMAGEM REFERÊNCIA
A PEER-REVIEWED INTERNATIONAL JOURNAL

REVISTA CIENTÍFICA DA UNIDADE
DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIAS
DA SAÚDE: **ENFERMAGEM**

SCIENTIFIC JOURNAL OF
THE HEALTH SCIENCES
RESEARCH UNIT: **NURSING**

ESCOLA SUPERIOR
DE ENFERMAGEM
DE COIMBRA

NURSING SCHOOL
OF COIMBRA

NOVEMBRO 2017

Referência
REVISTA DE ENFERMAGEM | JOURNAL OF NURSING

Para os enfermeiros do Séc. XVII: *Luz da Medicina, pratica racional, e methodica, guia de infermeiros, directorio de principiantes*

António Freitas*

Lucília Nunes**

“Perguntará o Leitor curioso que razão me moveu a fazer esta breve prática em língua Portuguesa?” Assim dá início Francisco Morato Roma à sua obra, de 1664, dirigida aos *naturais* da língua portuguesa, aos enfermeiros e outros que, com *capa de médico*, não cometam erros na cura dos enfermos.

Antes do Renascimento, a medicina na Europa foi construída, em grande parte, com teorias baseadas em pouca pesquisa sobre o real funcionamento dos órgãos e desconhecimento pelo aparecimento de enfermidades.

A principal mudança na abordagem à doença pós-renascentista deveu-se muito aos conhecimentos da anatomia, em virtude das disseções dos cadáveres que até então não eram permitidas. Contudo, a abordagem à doença ainda mantinha uma raiz hipocrática em que a razão das pessoas adoecerem se devia ao desequilíbrio entre os fluidos corporais e os humores (sangue, bile amarela, bile negra e fleuma).

Se por um lado a abordagem à doença podia ser conseguida pelo reequilíbrio dos humores, através da administração de remédios, por outro lado a cirurgia ia ganhando força, para aquelas situações em que o estudo da anatomia se revelava importante para a resolução de algumas enfermidades *internas* tais como a hérnia ou tumores e as sangrias (De La Faye, 1787).

Ao mesmo tempo que o conhecimento da anatomia ia permitindo aos médicos obter uma melhor compreensão do corpo humano, os remédios, elaborados a partir de ervas e outras substâncias presentes na natureza, ainda se cruzavam com a superstição.

É neste enquadramento que surge a primeira obra também dirigida a enfermeiros, *Luz da medicina, pratica racional, e methodica, guia de Infermeiros, directorio de principiantes*, escrita pelo médico Francisco Morato Roma, que conheceu 9 edições entre os séculos XVII e XVIII e cuja primeira edição data de 1664, em Lisboa (Figura 1).

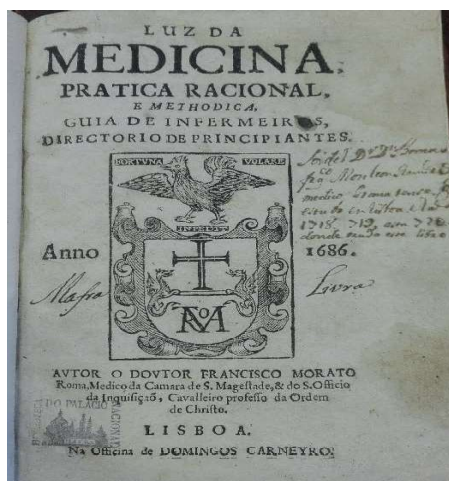


Figura 1. Capa de Luz da medicina, pratica racional e methodica, guia de infermeiros, directorio de principiantes, edição de 1686 – Acervo da Biblioteca do Palácio de Mafra.

* Doutorando do X Curso de Doutoramento em Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa; Professor Adjunto, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Saúde (antonio.freitas@ess.ips.pt)

** Doutora em Filosofia; Professora Coordenadora com Agregação, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Saúde [lucilia.nunes@ess.ips.pt]

A primeira edição desta obra traz-nos um corpo de conhecimentos que, para além de apresentar ao enfermo uma abordagem predominantemente médica, surgem com frequência referências ao que hoje designaríamos como promoção de saúde, ou seja, hábitos de vida saudável e a conservação da saúde, perspectivando a prevenção da doença. Embora não seja um manual de e para enfermeiros evoca a importância do seu papel, que somente é clarificado em 1741 na *Postilla Religiosa, e arte de Enfermeiros*. Contudo, na vizinha Espanha, o *Instrucción de Enfermeros* publicado em 1617, constituiu-se efetivamente como o primeiro manual de enfermeiros da Península Ibérica. De destacar que, quer o *Instrucción de Enfermeros*, quer a obra de Morato Roma, se referem ao enfermeiro como elemento importante na ausência do médico, conferindo-lhe a capacidade de ajuizar e intervir perante a doença.

No prólogo ao leitor, Morato Roma afirma que esta obra permite aos principiantes um aprofundamento das doutrinas de Hipócrates e Galeno. Já para os enfermeiros esta obra irá permitir conhecer o modo de como socorrer a tempo os enfermos. Contemporâneo à obra de Morato Roma, Antonio Ferreyra, cirurgião da Casa Real, na obra *Luz Verdadeira*, em 1683, refere que os enfermeiros têm que reunir as condições de serem “brandos”, “pacíficos”, “alegres” e “discretos” (p. 9).

Rafael Bluteau, em 1712, no primeiro dicionário de língua portuguesa, define Enfermeiro como “Aquelle, que tem a seu cargo a enfermaria, e os enfermos” (p. 108) e, por sua vez define enfermaria como “O lugar em que se curão os doentes em hum Convento, ou em hum Hospital” (p. 108). Ora, a obra de Morato Roma não faz distinção sobre o local onde aqueles cuidados são ministrados, se num hospital, se num convento, ou noutro sítio qualquer; na capa da última edição, de 1753, vem inclusivamente expresso que esta também se dirige a todo o “Pay de famílias” (Roma, 1753, capa), trazendo a ideia de que seria de utilização mais abrangente.

Podemos considerar esta obra de elevado valor histórico, não só pelo número de edições – 9 edições das quais 8 já foram obras póstumas, revestindo-se assim de grande importância na disseminação do conhecimento sobre doenças e tratamentos nos séculos XVII e XVIII, mas também por ter sido identificada em várias Boticas em Portugal e também no Brasil, através da Ordem dos Jesuítas nesse país (Leite, 1953).

Quem foi o autor Francisco Morato Roma?

Francisco Morato Roma, médico e cavaleiro professo da Ordem de Cristo e Familiar do Santo Officio, nasceu em Castelo de Vide, a 4 de outubro de 1588.

Estudou Filosofia em Évora e Medicina em Coimbra. Foi médico do Duque de Bragança, D. Teodósio II, em 1619, e do Rei D. João IV em 1640, em Lisboa, tendo sido nomeado como médico da Real Câmara em 1642.

Diogo B. Machado (1747) descreve-o como um homem de “admirável talento” e que no seu exercício como médico “divertia muito aos enfermos que visitava” (p. 210). Faleceu em 1668, com 80 anos.

A sua obra, escrita em português, vem, segundo o autor, dirigir-se a todos em geral e em particular aos enfermeiros que assistem os enfermos, para que saibam quando administrar os remédios, e para aqueles que vivem em locais afastados e que não dispõem de médicos e assim possam acudir atempadamente os *achques*. Nesta obra é já patente o cuidado e a segurança dos enfermos, pois no prólogo ao leitor é manifestada uma preocupação com os charlatões que “com capa de médico” (Roma, 1686, Prologo ao Leitor) possam intervir junto dos doentes de forma errada e assim lhes possam causar prejuízo.

As Edições

A primeira edição de *Luz da medicina, pratica racional e methodica, guia de enfermeyros, directorio de principiantes* teve a sua primeira edição em 1664 em Lisboa, seguindo-se mais oito edições. Destaca-se o ano de 1686, em que, simultaneamente em Lisboa e Coimbra, são publicadas edições diferentes da mesma obra. A partir da edição de 1726, a obra foi ampliada com compendio de cirurgia. Nos anos de 1726 e 1727 foram realizadas duas edições consecutivas, em que a primeira foi editada pelo Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus e a do ano de 1726 publicada pela Officina de Joam Antunes. A última edição data de 1753, em Coimbra (Tabela 1).

Tabela 1.

Edições da obra *Luz da medicina, pratica racional e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*

Ano de Edição	Cidade	Edição
1664	Lisboa	Henrique Valente de Oliveira
1672	Lisboa	Antonio Craesbeeck de Mello
1686	Lisboa	Officina de Domingos Carneyro
1686	Coimbra	Officina de Manoel Rodrigues d'Almeida
1700	Coimbra	Joam Antunes
1712	Coimbra	Joam Antunes
1726	Coimbra	Real Collegio da Artes da Companhia de Jesu
1727	Coimbra	Officina de Joam Antunes
1753	Coimbra	Officina de Francisco de Oliveyra

À obra original, ao longo das diferentes edições, foram sendo acrescentados outros tratados e compêndios. Na edição de 1727 foi acrescentado o "Tratado unico das tresans perniciosas & malignas & Compendio de vários remedios de cirurgia recopilado do Theorico de Pobres & outros autores", escrito por Gonçalo Rodrigues Cabreya, cirurgião. Este acréscimo constituiu-se como obra individual, que foi publicada em 1611 e que mais tarde integrou a obra de Morato Roma na edição de 1727.

Da estrutura e conteúdo geral da obra na edição de 1753

No século XVII, a cirurgia ainda não se tinha conseguido afirmar como ciência e a posição do cirurgião na sociedade era significativamente inferior à do médico. Por outro lado, neste período, a divisão entre cirurgiões e barbeiros persistia. Na sua obra, Mourato Roma estabelece bem os limites dos "profissionais" da arte de tratar os doentes, em que ao cirurgião lhe cabem as intervenções de "abrir", "cortar" e "cozer" pelas suas mãos, aos Boticários, a execução e elaboração de xaropes e purgas e ao Barbeiro, as sangrias. Perante a febre, ou seja, perante a doença, apenas o médico tem a arte necessária para "alcançar a saúde do enfermo" (p. 4).

Morato Roma afirma que nada de novo apresenta, mas que reúne o conhecimento de origem grega, árabe e latina, assentes nos pressupostos e doutrinas de Aristóteles e Galeno. Embora conste do título da obra que a mesma constitui um guia para enfermeiros, são poucas as referências diretas. Aliás, as primeiras referências aparecem no prólogo, designadamente no que concerne aos destinatários da obra e, mais adiante, à dimensão da ação do enfermeiro no "socorro" ao doente.

No corpo da obra, a primeira referência à intervenção do enfermeiro coloca-o paralelamente ao médico, na caracterização de sinais apresentados pelo enfermo, nomeadamente no que diz respeito aos vitais: "se ao pulso foge o tacto, he pequeno, e acelerado, mostra fraqueza na facultade vital . . . O Médico, ou enfermeiro, que assistir ao enfermo, poderá conhecer pelos sinais apontados, em que estado está o enfermo" (p. 30).

A segunda referência encontra-se já na segunda parte da obra, "Prática Racional: sumario de remedios para poder acodir . . .", em que é clara a responsabilidade do enfermeiro na administração da medicação quando prescrita: "devem guardar na aplicação dos remedios aos assistentes enfermeiros o tempo, e hora, em que lhe for necessário." (p. 133).

É feita a referência da existência de "doenças leves", para as quais não são necessárias quaisquer intervenções, uma vez que a natureza se encarrega de restabelecer a saúde. Para as doenças graves é necessária a intervenção da *arte*, que requer a administração de remédios que depois de aplicados irão restabelecer a saúde, a que se chama *medicina prática racional*. A primeira parte é composta por 6 livros, nomeadamente "Da ordem e modo de alimentar os enfermos"; "Do modo e ordem de aplicar os remédios pelas indicações simples"; "Das indicações compostas"; "Das doenças que se devem curar, e das que se devem deixar por conta da natureza"; "Da ordem que se deve guardar no sangrar e purgar"; e "Dos remedios simples e compostos".

A segunda parte é constituída por um livro que se dedica à identificação e descrição dos remédios particulares para serem administrados a cada um "dos achaques que ouver no corpo humano".

A terceira parte constitui um livro dedicado às doenças particulares das mulheres e a obra termina com um tratado sobre febres.

Para Morato Roma, a Prática Racional e Metódica divide-se em três partes: Diatheutica; Phamaceutica e Chirúrgica.

A dieta é considerada a dimensão mais importante para conservar a saúde e para a restituir àqueles que a perderam. Deste modo, a abordagem à cura de doenças que necessitem da intervenção médica passa sempre primeiro pela dieta, em seguida pela purga e depois pela sangria.

O exercício, o repouso (*quietação*), o ar que se respira, as paixões da alma, as evacuações e retenções quotidianas são considerados como aspetos necessários para conservar a vida; contudo, todas elas deverão ser em moderação, para assim se preservar a saúde, a que o autor chama de precaução. Estas coisas são chamadas de não naturais, pois apenas dependem da vontade do sujeito.

A cura de uma doença poderá requerer o uso de ferro, fogo ou medicamentos. Estes últimos, por sua vez, poderão ser de dois tipos: os interiores e os exteriores. Os medicamentos interiores serão aqueles que serão absorvidos pelo tubo digestivo, nomeadamente os xaropes e as purgas. Também incluídos na categoria de interiores são aqueles que são introduzidos líquidos, nomeadamente clisteres e irrigações.

Já os medicamentos exteriores consistem nos banhos, lavagens, unturas e emplastos, ou seja, todas as intervenções que são aplicadas externamente.

Os tratamentos de ferro são aqueles que hoje poderíamos incluir na prática cirúrgica, como é o caso das sangrias, da excisão de tecido necrosado, das suturas de feridas e da drenagem de abscessos. O tratamento com o fogo, que consistia na utilização de um ferro em brasa, serviria igualmente para fazer drenagens e incisões de abscessos. É nesta diferente abordagem à doença que Morato Roma faz a distinção do que seriam as esferas de competência do cirurgião-barbeiro e do médico.

Para melhor se compreender o processo de doença, é-nos apresentado o conceito de *faculdade vital*, que é o que sustenta a vida, e isso resulta da conservação das coisas que compõem o Homem, nomeadamente o temperamento das partes sólidas, dos humores e dos espíritos, que por sua vez se conservam através do beber, do comer, e das restantes coisas não naturais. Acrescenta também que a faculdade vital pode ser observada se as pulsações do pulso forem iguais [às do coração], sem maior celeridade que o costume, papáveis e “se há viveza nos olhos, e boa cor no rosto” (p. 30).

Na manutenção da saúde ou, como refere Morato Roma, para manter a *faculdade vital*, é necessário o alimento, uma vez que as forças se conservam com o comer. Já na presença de doença, em que são necessários os remédios, também a alimentação é necessária, para que o enfermo não morra de fraqueza. Morato Roma identifica dois erros comuns no que diz respeito à dieta dos doentes: Nas doenças graves reduzem a alimentação, o que provoca a diminuição das forças do enfermo e o outro erro é aumentar a alimentação durante a doença., “quando a natureza está ocupada com o cozimento dos humores, impedindo a obra da natureza” (p. 7). Esta última perspectiva, como o próprio autor afirma, é contrária à teoria hipocrática que defende que logo no início da doença a alimentação deverá ser aumentada, pelo facto do *cozimento* dos humores. Refere ainda que nas doenças “do peito [respiratórias] em que a matéria se há de purgar por escarro, he necessário dar mais de comer” (p. 7). Já nas doenças de estômago deve minorar-se a alimentação e dar alimentos “de fácil degeftão” (p. 8).

Contudo, defende que na situação de doença se deve mudar muito pouco os hábitos do doente, isto porque “as mudanças repentinas fazem muito damno” (p. 9) e devem manter-se os hábitos antes da doença no que diz respeito ao sono, ao exercício, ao ar, e às evacuações quotidianas. Ainda relativamente à alimentação, não deve apenas importar a quantidade, mas também a qualidade, e poderá assumir duas funções: a de sustento e a de medicamento. Enquanto sustento, é aquela que “coza” bem no estômago, e enquanto na função de medicamento, este pode ser quente ou frio, seco, adstringente ou laxante. Nas febres deverão ser administrados alimentos frios e húmidos.

Quanto à ingestão de líquidos, afirma que servem para diluir o mantimento e encaminhá-lo e para “apagar a secura”; isto só deve ser feito com água, uma vez que esta não é sustento. As bebidas que não servem de sustento são utilizadas no âmbito medicinal, como é o caso dos cozimentos (ervas cozidas em água), sumos de ervas e xaropes. Já o vinho, o leite e os caldos, são bebidas que alimentam. Ainda relativamente ao vinho, este pode ser bebido diluído em água ou puro, para aqueles que não se satisfazem só com água.

Não só a alimentação é responsável para uma boa manutenção da saúde, mas o sono, o repouso e a atividade. Com a recomendação de que quando o corpo está cansado se deve descansar e após as refeições dever-se-á movimentar pois o movimento “ajuda na distribuição dos alimentos” (p. 17) e “purgar e abalar os humores” (p.18) e é muito importante para *conservar a saúde*.

A dimensão religiosa está presente ao longo de toda a obra e é manifestada nas alusões aos desígnios de Deus bem como no que concerne às doenças venéreas, uma vez que resultam de atividades que vão contra a lei de Deus.

São identificadas e enumeradas as enfermidades conhecidas cuja estranheza no tratamento nos suscita dúvidas como é o caso da aplicação de leite de cão sobre um dente, para retirar a dor, ou outros aspetos, nomeadamente relacionados com as mezinhas ou superstições que também assumem igualmente relevo, como é o caso do tratamento da insónia: “tomem cera da orelha de hum cão, e dem-a a beber com vinho e logo dormirão”; ou o tratamento para aqueles que dormem muito: “tomem o coração do morcego e tragam-o consigo e nunca adormecerão” (p. 361).

Já no tratado sobre as doenças das mulheres dedica-se também à descrição dos primeiros cuidados a ter com o recém-nascido, a quem ele se dirige como “creatura”. Após o nascimento se for do sexo masculino, deverá ser pulverizado com pó de sal e “çumagre” (pó grosseiro de plantas trituradas) “principalmente nos machos, para que fiquem mais duros”. Já os bebés do género feminino deverão ser lavados com vinho branco fervido com rosas e depois untá-las com óleo de amêndoas doces “para ficar a carne branda” (p. 313). A sua alimentação requer cuidados especiais “para quem os quer sãos e sem achaques”, advogando de que o leite terá que ser o “mais puro” e, de preferência, o de sua mãe por ser o mais “próximo do temperamento da criança”. Acrescenta que não se deve dar leite mais do que três vezes ao dia, para que faça “bom cozimento” afirmando que assim se previne a epilepsia e outras enfermidades. Nesta parte da obra, dá orientações quanto à alimentação da criança durante o seu desenvolvimento, nomeadamente a introdução de comida sólida e a escolha de amas-de-leite mais adequadas.

Ao longo de toda a narrativa são comuns as expressões, como “saber o costume do enfermo, da família, da gente” (p. 13), remetendo-nos, imediatamente, para o que hoje chamamos de abordagem holística da pessoa e família, inserida num determinado contexto sociocultural. Esta é, sem dúvida, uma visão precursora para os cuidados de saúde individualizados e personalizados.

Conclusão

Nesta obra Morato Roma não só descreve as doenças, mas também os problemas do corpo humano, reconhecendo as alterações e condições decorrentes da doença. Descreve uma série de doenças, com uma maior incidência nas enfermidades do adulto, dando especial atenção em capítulo próprio à mulher e criança.

A descrição que faz na primeira parte incita o leitor, durante a leitura da obra, a tirar conclusões racionais baseadas nos progressos da ciência de então. O autor do tratado estava interessado em partilhar conhecimento médico para melhor se cuidarem os enfermos, oferecendo tratamento para todas as enfermidades descritas na obra.

Se por um lado a sua organização se assemelha aos livros enciclopédicos médicos atuais dirigidos a leigos, por outro lado reúne informação dirigida àqueles que estão muito familiarizados com os processos de doença. Contudo, nesta obra que pretende ser um referencial baseado em conhecimentos científicos, a transição entre a superstição na doença e o ponto de vista científico não se consegue estabelecer de forma exata.

Tenhamos em conta que a *Luz da medicina, prática racional, e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*, é, à data e com os conhecimentos atuais, a primeira obra escrita para enfermeiros em Portugal, que teve 9 edições (das quais 8 póstumas, que se prolongaram por quase um século - de 1664 a 1753 - com edições quase simultâneas em Lisboa e Coimbra) que foram divulgadas, estando a obra presente nas boticas de jesuítas, no Brasil. Finalmente, além de importante compêndio médico, excede o público profissional, pois tal como o autor afirma na primeira edição, “Obra muito útil, e necessaria, não so para os Professores da Arte da Medicina, e Cirurgia, mas tambem para todo o Pay de familias; De que se poderão aproveitar pobres, e ricos na falta de Medicos doutos” (Roma, 1753, capa).

Referências Bibliográficas

- Bluteau, R. (1712). *Vocabulário portuguez latino*. Coimbra, Portugal: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- De La Faye, J. (1787). *Principios de cirurgia*. Lisboa, Portugal: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Ferreira, A. (1683). *Luz verdadeira e recopilado exame de toda a cirurgia*. Lisboa, Portugal: Officina de João.
- Leite, S. (1953). *Artes e officios dos Jesuítas no Brasil, 1549-1760*. Lisboa, Portugal: Edições Brotéria.
- Machado, D. B. (1747). *Bibliotheca lusitana, historica, critica, e cronológica* (Tomo II). Lisboa, Portugal: Officina de Ignacio Rodrigues.
- Roma F. M. (1664). *Luz da medicina prática racional e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*. Lisboa, Portugal: Officina de Henrique Valente de Oliveyra.
- Roma F. M. (1686). *Luz da medicina prática racional e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*. Lisboa, Portugal: Officina de Domingos Carneyro.
- Roma F. M. (1712). *Luz da medicina prática racional e methodica, guia de enfermeiros, directorio de principiantes*. Coimbra, Portugal: Officina de Joam Antunes.

LIVROS E FONTES HISTÓRICAS

Roma F. M. (1753). *Luz da medicina prática racional e methodica, guia de enfermeyros, directorio de principiantes*.
Coimbra, Portugal: Oficina de Francisco de Oliveyra.